

LOOKING BOTH WAYS
Nélia Dias*

Produto de uma colaboração entre duas instituições, o Museum for African Art de Nova Iorque e o Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, *Looking Both Ways* reúne trabalhos de doze artistas oriundos de África mas que vivem e trabalham na Europa e nos Estados Unidos da América.¹ Trata-se portanto de uma exposição de arte da diáspora africana sem que, no entanto, tenha havido da parte dos seus comissários, Laurie Ann Farrell e José António Fernandes Dias, uma tentativa de homogeneizar a extrema diversidade das práticas artísticas. Pelo contrário, é um dos méritos desta exposição o de salvaguardar a “especificidade dos percursos pessoais”, fornecendo assim, segundo a expressão de Laurie Farrell na introdução ao guia da exposição, uma “versão da diáspora necessariamente pluralista” (Farrell 2005: 6).

Falar de “arte da diáspora” implica forçosamente uma referência a dois universos culturais, neste caso específico a África e o Ocidente; daí o título da exposição remeter para a prática dos artistas representados de “olharem para um território psíquico” situado entre a África e o Ocidente, território caracterizado por “uma permanente mobilidade de contextos físicos, de geografias emocionais, e de ambições e expressões estéticas” (Farrell 2005: 5). Os doze participantes desta exposição vivem entre dois mundos, adoptando uma postura crítica em relação a estes dois universos e recusando assim a dicotomia Ocidente/Outro; noutras palavras, ao assumirem uma identidade híbrida que se reclama de diversos espaços geográficos, estes artistas colocam incessantemente a questão do Eu como um Outro. Em suma, eles posicionam-se, retomando a expressão de Fernandes Dias, como “cidadãos do mundo com múltiplas fidelidades e preferências. E os caminhos que tomam não são binários nem lineares – estão à esquina, olham de um lado para o outro e a toda a volta” (Dias 2005: 10). É a partir desta vivência entre dois mundos que os artistas da diáspora retiram os materiais formais e conceptuais que vão alimentar os seus trabalhos artísticos bem como as suas reflexões teóricas. Um dos exemplos mais significativos é o de Allan deSouza, indiano-goês nascido no Quênia, actualmente a residir em Los Angeles, depois de uma estadia em Londres. Ao questionar as suas múltiplas pertenças identitárias, deSouza é levado a interrogar-se sobre o seu próprio nome, nome esse que é o resultado de um “encontro colonial” e portanto do próprio processo de hibridização (DeSouza 2003: 21).

* Departamento de Antropologia do ISCTE.

¹ A exposição *Looking Both Ways. Das esquinas do olhar. Arte da Diáspora Africana Contemporânea*, esteve patente na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, entre 26 de Janeiro e 3 de Abril de 2005.

Se há um tema que percorre insistentemente esta exposição é o das identidades em contexto de hibridizações culturais e de migrações. Nesta perspectiva, estes artistas não podem ser sumariamente catalogados de “artistas africanos”, como sublinha pertinentemente John Peffer no seu artigo “The Diaspora as Object” inserido no catálogo da exposição. Os trabalhos dos artistas em diáspora “reflectem a ambivalência” que eles “vivem em relação à identificação com a terra de origem” (Peffer 2003: 23). Aliás é um dos grandes méritos desta exposição o de permitir aos visitantes interrogar os seus pressupostos culturais e os lugares comuns correntemente veiculados, como o da existência de uma “arte africana”. Deste ponto de vista, através da escolha judiciosa dos artistas representados e da diversidade dos meios utilizados (instalação, vídeo, pintura, fotografia, escultura, colagem), *Looking Both Ways* salienta a heterogeneidade das práticas dos artistas da diáspora e a impossibilidade de encontrar um suporto denominador comum.

A heterogeneidade dos meios aliada a uma grande diversidade temática permitem ao visitante colocar a seguinte questão: o que é exactamente a “arte africana”? Numerosos são os temas tratados pelos doze artistas desde a apropriação de estéticas ocidentais e a sua subversão irónica (patentes na obra de Hassan Musa), a estreita imbricação entre histórias pessoais e história colonial (como testemunha o trabalho de Ingrid Mwangi), até à centralidade dos lugares de passagem tais como aeroportos, estações de comboio e de autocarros na experiência íntima dos artistas da diáspora (ver a série “Threshold” de Allan deSouza e a instalação vídeo de Zineb Sedira *On a Winter's Night a Traveller*) passando pelo peso dos estereótipos sexuais (Ghada Amer e Wangechi Mutu) e as relações entre os géneros.

Para além da selecção criteriosa dos artistas em função do conceito da exposição, o sucesso de *Looking Both Ways* deve-se também, em grande parte, ao modo de expôr. Pelas suas características de largo espaço sem compartimentação, a Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian presta-se admiravelmente a este tipo de exposição e às obras apresentadas, permitindo o diálogo entre elas e a circulação dos olhares dos visitantes entre as várias peças expostas. Assim, logo à entrada da exposição, o visitante depara-se com a instalação de Yinka Shonibare, *Scramble for Africa*, uma obra poderosa e de grande impacto visual, composta de catorze manequins sentados à volta de uma larga mesa onde está inscrito um mapa de África. Ao remeter para um momento decisivo na história colonial, a Conferência de Berlim, *Scramble for Africa* fornece o tom de *Looking Both Ways* ao relembrar a articulação entre a história da Europa e a história de África, funcionando como uma espécie de fio condutor que percorre a exposição. Se atendermos ao facto que os manequins estão vestidos com supostos tecidos “tradicionais” africanos, tecidos que, ao fim ao cabo, eram fabricados na Inglaterra e na Holanda para serem exportados para África enquanto mercadoria, *Scramble for Africa* permite, de forma subtil mas firme, questionar as noções de autenticidade e de tradição.

Muitas das questões colocadas pelos artistas e tratadas formalmente por eles com a ajuda de vários suportes são obviamente questões centrais do debate antropológico dos nossos dias. No entanto, a existência de afinidades temáticas entre as práticas dos artistas da diáspora africana contemporânea e algumas das preocupações teóricas da disciplina antropológica não significa forçosamente convergência em termos de abordagem entre os dois campos.²

Desde a sua inauguração no Museum for African Art em 2003, a exposição *Looking Both Ways* viajou por vários museus dos Estados Unidos da América e da Europa. A sua apresentação em Lisboa esteve ligada ao projecto *ArtAfrica* (<<http://www.artafrica.gulbenkian.pt>>) promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian. Iniciado em 2001 este projecto incide sobre as práticas artísticas nos países africanos de língua portuguesa e respectivas diásporas. O impacto desta exposição poderá talvez servir de sinal para as instituições museológicas portuguesas repensarem as suas políticas expositivas e promoverem a apresentação de exposições centradas em torno de problemas contemporâneos.³

BIBLIOGRAFIA CITADA

- DeSOUZA, Allan, 2003, "Name Calling", L. A. FARRELL (org.), *Looking Both Ways: Art of the Contemporary African Art Diaspora*, Catálogo da Exposição, Gent, Snoeck Publishers, Museum for African Art.
- DIAS, José António Fernandes, 2005, "Das esquinas do olhar", L. A. FARRELL, e J. A. F. DIAS, *Das esquinas do olhar. Arte da Diáspora Africana Contemporânea*, Guia da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FARRELL, Laurie Ann (org.), 2003, *Looking Both Ways: Art of the Contemporary African Art Diaspora*, Catálogo da Exposição, Gent, Snoeck Publishers, Museum for African Art.
- FARRELL, Laurie Ann, 2005, "Introdução", L. A. FARRELL, e J. A. F. DIAS, *Das esquinas do olhar. Arte da Diáspora Africana Contemporânea*, Guia da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FARRELL, Laurie Ann, e José António Fernandes DIAS, 2005, *Das esquinas do olhar: Arte da Diáspora Africana Contemporânea*, Guia da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEFFER, John, 2003, "The Diaspora as Object", L. A. FARRELL (org.), *Looking Both Ways: Art of the Contemporary African Art Diaspora*, Catálogo da Exposição, Gent, Snoeck Publishers, Museum for African Art (versão portuguesa: <<http://www.artafrica.gulbenkian.pt/html/artigo1.php>>).

² Sobre este ponto ver a excelente entrevista entre Yinka Shonibare e Okwui Enwezor, "Of Hedonism, Masquerade, Carnavalesque and Power: The Art of Yinka Shonibare" (Farrell 2003: 163-177).

³ O número de visitantes excedeu os 35.000, facto singular no panorama português se atendermos à natureza da exposição e à sua duração.